

NOTAS VÁRIAS

26.3.49
RUBEM BRAGA

verão acabando e muita política, meus caros. Aqui no Rio não se fala de outra coisa. Os comunistas lançaram um violento, feroz manifesto a favor da paz e depois declararam guerra dentro da ABDE. O Departamento de Estado negou suporte a Portinari: assim como o nosso maior arquiteto, Oscar Niemeyer, o nosso maior pintor também não pode entrar nos Estados Unidos, o que é uma tolice do gênero funesto. O general Dutra confidenciou a um íntimo, que o confidenciou a uma autíssima figura, que o confidenciou a conhecido intelectual, que naturalmente me contou tudo — que éle, general Dutra, não quer mesmo dar palpites sobre o nome de seu sucessor — “mas, francamente, preferia um civil”.

O general José Pessoa disse preferir “um homem de experiência, que já tenha dado provas de bom administrador” — o que certamente não é o caso do general Canrobert. Disse outras coisas sensatas que, por isso mesmo, causaram certo pânico. Um líder da UDN me disse que a candidatura do sr. Nereu Ramos é dura de engolir, e não apenas pela sua coloração quememista, mas também pela suposição de que, embora seja pessoalmente um homem honrado, o sr. Nereu Ramos é comumente cercado de algumas pessoas pouco escrupulosas e muito negociastas.

O acôrdo na política mineira cada vez mais difícil, pois o sr. Benedito Valadares, muito mais interessado na literatura que na política, não quer seguir o conselho do sr. Capanema, “botando louro” e Esperidião. Terminado o seu romance, que tem capítulos realmente de grande valor, o sr. Valadares pensa em escrever suas memórias políticas,

mas não para serem publicadas agora, naturalmente. Será uma coisa fortemente documentada para uso e espanto dos leitores do futuro.

De vossa São Paulo não me chegam novas, a não ser que o nosso caro ex-editor Martins foi nomeado diretor do Departamento de Cultura, o que certamente foi uma coisa certa que o sr. Ademair de Barros fez. A Galeria Calvino criou o “Clube dos Glifófilos”, que editará por ano dez gravuras com 100 cópias numeradas, e as primeiras serão de Carlos Oswald, Hans Steiner, Poty, Geyer, Steinz, Percy Lau, Fayga Ostrower, Cognat, Livio Abramo e Portinari. No momento está com uma exposição de Malagoli.

Está fazendo sucesso o novo romance de Dinah Silveira de Queiroz, “Margarida La Rocque”, história fantástica mas cheia de frêmito humano — instinto, mistério, imaginação.

Constróem-se em São Gonçalo grandes estúdios dirigidos por Howard E. Randall, que trouxe para o Brasil o seu capital e sua técnica do cinema norte-americano. Foi éle o homem que construiu o cinema mexicano, e seu nome, como técnico ou produtor, está ligado a mais de 600 filmes mexicanos ou americanos. Já meteu em São Gonçalo alguns milhares de contos, e pretende fazer 3 filmes por ano. Sua companhia está agora aceitando subscritores brasileiros — industriais ou capitalistas que compreendam que cinema não pode mais ser aventura, mas um grande negócio, de que o Brasil precisa para não continuar exportando milhões de dólares. Com éle está Jack Wagner, co-autor de Steinbeck, e que fez os “scripts” de filmes como “Moby Dick”, “Tortilla Flat” e “A Pérola”; cujo Wagner é além do mais uma boa praça. Entrementes está sai não sai “Caminhos do Sul”, um filme de amor e contrabando feito quase todo na estância do sr. Batista Luzardo, e, portanto, com violenta cor local.

Fora disso, tudo azul, com muitas manchas cinzentas e outras pretas. Até outro dia, adeus.

26.3.49

103